

NA FRONTEIRA: CIÊNCIA E RELIGIÃO FABRICANDO DOCÊNCIA EM BIOLOGIA

Luciane de Assunção Rodrigues
SEDUC

Silvia Nogueira Chaves
UFPA

RESUMO: Esta pesquisa investiga processos de subjetivação de uma professora de biologia na interseção de discursos científico e religioso sobre a sexualidade. O material empírico consiste em excertos memorialísticos da trajetória de vida da docente. A questão que orientou a investigação é: *Como os discursos religiosos e científicos sobre sexualidade fabricaram a professora de biologia?* Na metodologia utilizou-se a *autobiografia* como processo que dá visibilidade a discursos que ecoam na docência. Para análise utiliza-se o pensamento de Michel Foucault. Dos relatos foram recortados situações vividas em três dispositivos: Família, Igreja e Escola. Os resultados indicam que pensar formação como percurso biográfico possibilita produzir a docência de outros modos, mantendo abertos espaços de metamorfoses na profissão.

PALAVRAS CHAVE: Formação de professores de Biologia, Autobiografia, Subjetivação, Sexualidade, Discurso.

OBJETIVOS E MARCO TEÓRICO

Esta pesquisa objetivou investigar modos de subjetivação de uma docente de Biologia na interseção dos discursos científico e religioso. Para tanto, elegemos o tema sexualidade para analisar seu processo de formação na fronteira entre discursos científicos e religiosos que se interpelam e fabricam formas de ser professora.

A questão central da investigação é: *Como os discursos religiosos e científicos sobre sexualidade fabricaram a professora de biologia que tem sido?*

Em consonância com as ideias de Foucault, consideramos que o controle dos corpos é feito a partir de relações de poder, que se caracterizam pelas múltiplas formas de atuação, dentre as quais, destacamos a disciplina, uma vez que promove o adestramento, que se converte em docilidade, e tem como consequência a correção do infrator da moral sexual.

Na análise destacamos, ainda, a ideia de poder pastoral, difundido por Foucault, como uma das facetas do poder que se observa na igreja, bem como configura-se/transfigura-se em uma das formas de atuação do professor em sala de aula.

Tal poder caracteriza-se pela liderança personificada na figura de indivíduos que agem como pastores, cujo papel principal é a condução das ovelhas, o governo de suas almas e de seus corpos individualmente,

gerando o sentimento de dependência entre ovelha e pastor. Dependência baseada na relação de confissão da ovelha e de seus desejos mais íntimos, a partir de ritual que se desenrola produzindo transformações intrínsecas no indivíduo a fim de conduzi-lo ao caminho da salvação (FOUCAULT, 2008a).

Que relação há entre sexo e poder? Que saberes sobre o sexo podem ser formados a partir do confronto entre os discursos científicos e religiosos? Essas questões nortearam as reflexões que propomos a respeito da temática sexualidade, considerando que a organização social da sexualidade nunca é fixa ou estável. Ela é modelada a partir de circunstâncias históricas complexas e de acordo com nossa subjetividade.

De inspiração foucaultiana, esta pesquisa mobiliza a estranhar o corriqueiro, o comum, aquilo que parece tão familiar a cada um de nós, mas que provoca o desejo de problematização, na tentativa de dar visibilidade aos discursos imbricados na fabricação da docência.

Tais questões foram postas em evidência com o objetivo de capturar as *vozes* ressonantes e dissonantes que ecoavam na docência da professora. Para tanto, além de narrativas autobiográficas analisamos materiais utilizados pela igreja, como livros e lições bíblicas, extraiendo excertos referentes à temática sexualidade. Ressaltamos que esses materiais próprios no meio eclesiástico são eficientes mecanismos de controle da sexualidade e fabricação de subjetividades que culminam na forma de ser professora. Contudo, entendemos que «A sexualidade não é o problema: ela é o lugar sobre o qual os problemas se afixam» (Louro, 2000, p.92). Sobre a sexualidade repousam nossas angústias, frustrações, nossos medos, nossos desejos mais secretos e nossa necessidade de confissão.

Por que fizeram da sexualidade discurso interditado? Quais são as condições de possibilidade que levaram a interdição dos discursos sobre sexualidade? Tais questões permitem depreender que para a igreja sexo e pecado estão intimamente relacionados, uma vez que o pecado é instrumento de poder, pois sua prática incita a confissão para reconciliar o homem com Deus. A confissão é, portanto, importante mecanismo de controle dos corpos e uma das múltiplas possibilidades de exercício do poder pastoral.

Na escola, toda essa gama de cobrança, de vigilância, de controle do sexo difunde-se por meio de discursos proferidos, especialmente por professores de ciências/Biologia. Entretanto, virtudes e comportamentos apreendidos ultrapassam seus muros, isto é, nos acompanham pela vida afora no trato com nossos corpos e também no respeito às diferenças.

METODOLOGIA:

Nesta pesquisa, assumimos a autobiografia, como processo metodológico que possibilita a emergência dos discursos e das redes de poder que fabricam processos de subjetivação, a partir de um olhar diferenciado, que rejeita e estranha a própria história, atribuindo-lhe novos significados.

Desse modo, durante o processo de montagem das memórias, diversos sentimentos afloram ao relembrar e relatar experiências de vida. Contudo, ressaltamos que memória aqui se diferencia da noção de rememoração cuja proposta é descobrir o oculto, restaurar o acontecimento, estabelecendo reconciliação entre presente e passado.

Essa «história-reminiscência» que tem como objetivo o reconhecimento do «Eu» é criticada por Foucault (2008b) que propõe uma contramemória. Esta, por sua vez, em oposição à memória tradicional, trata a história sob a vertente da genealogia, cuja tarefa primordial

(...) não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstinar em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam (FOUCAULT, 2008b, p. 35).

São as descontinuidades que se tornam elementos primordiais da análise histórica atual, promovendo a transformação na história, tal que coloque a memória como instrumento de poder, na medida em que seletivamente ela realiza a montagem de acontecimentos e preserva as preocupações pessoais. Deste modo, a memória é um monumento construído para simbolizar o poder, criando e/ou inventando uma imagem de si reconstruída a partir de relações de poder.

As relações descritas, a partir das mutações na história, têm como base os registros da memória, que são as montagens dos acontecimentos significativos que dão visibilidade às estratégias de poder, rompendo com a continuidade e a linearidade dos fatos. Os acontecimentos são as relações de força que concorrem para a fabricação dos sujeitos. Portanto, são as memórias que dão visibilidade às relações de poder que produzem formas de ser e de exercer a docência.

Rastreando trajetórias de vida, utilizamos relatos memorialísticos produzidos pela docente como fonte do material empírico desta pesquisa. A produção desses relatos, solicitado pelas investigadoras, teve como orientação a proposta de pensar como ciência e religião se encontram e confrontam ao longo do processo de formação pessoal-profissional da professora de Biologia. Nesses relatos encontramos um *caminho* pleno de seguimentos e bifurcações multiplicando focos de análise. Contudo, para delimitar o campo analítico elegemos aspectos dos relatos que reverberavam em modos de exercer a docência, recortados das narrativas que apareciam em três dispositivos pedagógicos, Família, Igreja e Escola. Dispositivos entendidos com Foucault como

(...) rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não-dito (CASTRO, 2009, p.124).

Consideramos esses lugares como dispositivos pedagógicos, porque ensinam a ver, a ser, a dizer, a partir de disciplinamentos, correções e coerções. São cenários em que relações de poder se estabelecem fabricando pessoal-profissionalmente a partir dos discursos proferidos por essas instituições.

RESULTADOS E CONCLUSÕES:

A análise do material empírico, ou seja, as memórias da trajetória de vida da professora, os livros e lições utilizados na igreja que frequenta, possibilitaram a problematização dos discursos acerca da sexualidade, extraíndo daí pontos que convergem para a formação docente, como pode ser analisado no excerto a seguir.

Na igreja, os cristãos sem compromisso com Deus e a igreja eram nomeados de «A turma do lençol», título que deu nome a um livro que trata de um dos maiores problemas da vida cristã contemporânea: a falta de compromisso com Cristo. Esse livro foi escrito por um pastor jovem que descreveu «A turma do lençol» como o grupo de pessoas que «(...) não se baseia nos princípios da Palavra de Deus, mas naquilo que diz a sua intuição espiritual, ou então vive na fôrma do mundo, onde cada um cria a sua própria moral (...). Diz o livro «Em relação ao sexo, por exemplo, estamos assistindo as tragédias decorrentes dos improvisos nas relações sexuais apressadas, divertidas, irrestritas, sem limites, fora de tempo e sem amor. Relações anônimas, ligeiras, que se realizam de forma animal; sexualidade sem importância, sem interesse, desvalorizada, carente de qualquer intimidade autêntica, como um rio, que deságua no mar da indiferença, das decepções e do sofrimento. Alguns milhares têm adquirido fortuna com isso, enquanto alguns biliões têm adquirido filhos órfãos de pais vivos, doenças, frustrações, traumas, vergonha e morte» (MELO, 2002, p. 48-50, destaque no original).

A obra, destinada principalmente ao público jovem, fez parte da formação religiosa da docente, trazendo orientações para as diversas áreas da vida, dentre elas a sexualidade, como destaca. Tal dis-

curso é pleno de classificações e exortações morais e religiosas em relação ao sexo. Classificações que julgam o sexo de acordo com os discursos religiosos, que tem outros padrões de conduta, outras regras, atribuindo-lhe valores que culminam em interdição.

Que docência tais discursos fabricam? Que processos de subjetivação são produzidos a partir dessas vozes discursivas de poder?

A docente relata:

Desembarquei na escola trazendo toda a bagagem oriunda dos discursos que me enredaram em minhas andanças por lugares dantes fixados (família e igreja). A escola foi o lugar em que os confrontos acentuaram-se, pois os discursos científicos e os discursos religiosos foram posicionados frente a frente. Na posição de aluna, os discursos me conformaram, e produziram marcas eram defendidos por mim e marcaram o exercício da docência com falas que impunham restrições à sexualidade.

Na posição de docente, a professora reproduzia os discursos que outrora a inventaram. O poder pastoral é a tecnologia de poder utilizada para adestrar e disciplinar seus alunos em consonância com os discursos que a produziram, exigindo deles obediência e rejeição a formas de transgressão às normas impostas pelos discursos que proferia e tinha como verdade incontestável.

Quando ministraava aulas nas turmas de 7^a série (atual 8^º ano), realizava discussões com meus alunos sobre orientação sexual, dando ênfase ao cuidado com o corpo e as consequências da promiscuidade. A intenção era que prevalecesse o que eu considerava «certo», isto é, minhas «verdades». Quando questionada sobre uso de preservativos e a prática do sexo livre, mostrava as consequências desastrosas do sexo antes do casamento, inclusive citava passagens bíblicas que reforçavam minhas concepções. Ao concluir minha exposição sobre esses temas, observava os olhares atentos e atemorizados dos alunos ao verem imagens de jovens com os sintomas de diversas DST's. As imagens eram chocantes e os adolescentes frequentemente questionavam: *Professora, se até mesmo usando preservativos que não tem 100% de segurança, pois em alguns casos podem até romper, podemos contrair algumas doenças, então o que devemos fazer?* Ao que prontamente respondia: *Não façam! Aguardem até o casamento, isso ajudará vocês a evitarem muitas consequências danosas à saúde física, emocional e espiritual*

Dessa maneira, a docente entrava na sala de aula portando na bagagem a herança dos discursos científicos e religiosos que a enredaram. Esses discursos carregavam a vontade de poder, o desejo de verdade, de contar suas «verdades», «adestrar» seus alunos de acordo com sua *maneira de ser*, isto é, em consonância com suas crenças, valores e normas de conduta, agora sustentados por argumentos do discurso científico.

Os discursos proferidos pela família, reforçados pela igreja associados à formação científica da professora ecoaram na escola como mecanismos de subjetivação que produzem docência. Nesse entrecruzamento de diferentes verdades sobre o exercício da sexualidade, a ciência comparece a favor do estabelecimento de uma moral que prega a abstinência, uma vez que já atestou que *os preservativos não tem 100% de segurança*. A simbiose entre tais discursos são proficientes mecanismos para disciplinar condutas e fazer da repressão o mecanismo de controle dos corpos. Contudo, se somos constituídos a partir dos discursos que nos enredam nas teias de poder que nos aprisionam, a desnaturalização deles produzem positividade, isto é, a suspeição e recusa das verdades por eles instituídas. É a possibilidade de transgressão, de quebra de tabus que são os efeitos do poder, fomentando a mudança na rota da viagem. Não se segue mais o roteiro, mas aventura-se em busca de outras condições de possibilidade

de ser estudante, professora, mesmo sabendo que outros discursos nos capturam e que estamos sujeitos a múltiplas formas de exercício do poder.

Nesse contexto, a memória constitui-se em valioso instrumento da relação consigo, do afeto de si por si. A construção da narrativa autobiográfica aciona a memória para capturar os detalhes significativos na trajetória da vida, deslocando o olhar para focalizar os dispositivos pedagógicos, que nos (con)formam. Não há, portanto, o reconhecimento do que somos, mas o estranhamento, a rejeição e o desejo de recusar as identidades impostas pelos discursos.

A genealogia aqui proposta engendra condições de possibilidade do surgimento de descontinuidades, ruptura e um sem fim de transformações que modelam e remodelam continuamente a docência, como um oleiro que constrói o vaso, mas que o desfaz para reconstruí-lo, assim é a formação do professor, assim é a docência, arte de ensinar, cujas metamorfoses estão imbricadas nos discursos que ecoam durante a trajetória de vida. Portanto, pensar formação como percurso biográfico possibilita produzir a docência de outros modos, mantendo abertos espaços de transformação na profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CASTRO, Edgardo (2009). *Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica.
- FOUCAULT, Michel (2008a). *Segurança, Território, População*: Curso dado no Collège de France (1977-1978) Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes. (2008b). *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- LOURO, Guacira Lopes. (2000) Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica.
- MELO, Abimael Canto (2002). *A Turma do Lençol*. 1. ed. São Paulo: Editora Candeia.